

## **Autismo: a luta contra discriminação<sup>1</sup>**

**Marcela MORAES<sup>2</sup>**

**Iara de Nazaré Santos RODRIGUES<sup>3</sup>**

**Jonária FRANÇA<sup>4</sup>**

**Faculdade Boas Novas (FBN)**

### **RESUMO**

Este trabalho trata de um tema, que resulta em uma reportagem com informações sobre síndrome do autismo, a luta contra a discriminação. O objetivo é mostrar a importância do diagnóstico ainda na idade infantil, bem como o desenvolvimento e evolução da criança portadora da doença. O contexto irá trazer algumas definições sobre a temática, os sinais que o autista apresenta quando ainda não foi diagnosticado, e as opções de tratamento. O autismo caracteriza-se por dificuldades significativas na comunicação e na interação social, além de alterações de comportamento, expressas principalmente na repetição de movimentos. A reportagem tem como finalidade informar o leitor e estimular a socialização por meio do conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** autismo; diagnóstico; tratamento e informação.

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho traz para a discussão a temática autismo, nele abordamos a luta de pessoas contra a discriminação, tendo como base que, a pouca divulgação na esfera social de informações específicas sobre esta síndrome, acarreta no preconceito aos portadores do autismo. Apresentamos também características para identificação da doença, para que haja um acompanhamento em conjunto com o tratamento, pois muitas vezes as pessoas não

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado a XXI Prêmio Expocom 2014, na categoria Jornalismo, modalidade: Reportagem em Jornalismo Impresso.

<sup>2</sup>Aluna líder do 5º período do Curso de Comunicação Social da FBN, e-mail: [marcelamoraes.jornalismo@gmail.com](mailto:marcelamoraes.jornalismo@gmail.com)

<sup>3</sup>Aluna do 5º período do Curso de Comunicação Social da FBN, e-mail: [iararpjornalista@gmail.com](mailto:iararpjornalista@gmail.com)

<sup>4</sup>Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade Boas Novas, e-mail: [jonariafranca@hotmail.com](mailto:jonariafranca@hotmail.com)

sabem como lidar com os portadores do autismo e sofrem com o transtorno que é causado pela doença.

A abordagem torna-se relevante, pois, entendemos que só há discriminação onde há falta de conhecimento e informação. E com base nesses fatores, resultou-se em uma reportagem, feita a partir de pesquisas bibliográficas, livros sobre a temática, bem como trazemos informações adquiridas através de entrevistas realizadas com, pais e profissionais que trabalham diretamente com autista.

O resultado das pesquisas realizadas e das entrevistas concedidas, apresentamos numa reportagem produzida para disciplina Redação Jornalística, para tanto usamos técnicas como entrevista com uma psicóloga de uma escola que trabalha somente com autistas, também ouvimos a opinião de uma psicopedagoga que trabalha em uma ONG na capital, específica para portadores da síndrome. Muitos pais foram consultados para dividirem a experiência de terem em casa uma criança autista, no qual escolhemos uma das famílias para protagonizarem a reportagem.

A entrevista é, aí, tomada como ponto de partida para uma exposição – um perfil, por exemplo -, em que sentenças que expressam proposições mais gerais ou tópicos frasais (tais como “a situação agravou-se no início do ano”) presidem outras mais específicas (tais como a relação dos sintomas de agravamento da situação). (LAGE, 2009, P. 85).

Uma das formas de fazer a informação chegar até a sociedade é por meio do jornal impresso, tendo como suporte à reportagem, gênero jornalístico que apresenta uma riqueza maior de detalhes sobre determinado fato.

Considerada uma doença rara, o autismo caracteriza-se como um transtorno invasivo do desenvolvimento, que se manifesta antes da idade de três anos e pelo tipo característico de funcionamento anormal em três áreas: interação social, comunicação e comportamento restrito e repetitivo. As tentativas de definir a Síndrome do Autismo Infantil são derivadas da primeira descrição feita por Leo Kanner, em 1943, em artigo intitulado: “Distúrbios Autísticos do contato afetivo”. Segundo Kanner (*apud* LEBOYER, 1995, P. 9), são autistas:

As crianças que tem inaptidão para estabelecer relações normais com o outro; um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma capacidade de lhe dar um valor de comunicação. Essas crianças apresentam igualmente estereotípicos gestuais, uma necessidade imperiosa de manter imutável seu ambiente material, ainda que deem provas de uma memória frequentemente notável. Contrastando com esse quadro, elas têm, a julgar por seu aspecto exterior, um rosto inteligente e uma aparência física normal. Kanner (apud LEBOYER, 1995, P. 9).

Segundo Benezon (1987, p. 37) foi Bleuler quem introduziu o termo “autismo” para designar a perda de contato com a realidade, acarretando como consequência uma impossibilidade ou uma grande dificuldade de comunicação com os demais.

Ainda de acordo com o referido autor, o autista tem dificuldade de se relacionar com porque o contato visual dele com as outras pessoas é ausente ou pouco frequente, a fala é usada com dificuldade e, algumas frases podem ser constantemente repetidas, com isso, a comunicação acaba se dando, principalmente, por gestos, o que leva o portador da síndrome a evitar o contato físico no relacionamento. O mundo para ele parece, portanto, ameaçador. Insistir neste tipo de contato ou promover mudanças bruscas na rotina dessas crianças pode desencadear crises de agressividade.

Até o momento as causas da síndrome são desconhecidas, no entanto, estudos apontam para características genéticas, infecções pré-natais e doenças congênitas. Apesar do desconhecimento das causas, os principais sintomas do autismo estão associados à dificuldade que ele tem em interagir com outras pessoas.

Uma das formas de se trabalhar com crianças autistas é por intermédio de atividades lúdicas, tais como desenhos, jogos, pinturas e brincadeiras. Segundo Girão (2013) a inclusão é fundamental para o tratamento, algumas crianças podem ir para uma escola regular, irá depender do quadro clínico e como ela se comporta diante de um grande volume de pessoas. “Em alguns casos, as crianças conseguem conviver com turmas pequenas, de no máximo 15 alunos, em outros, somente escolas especializadas podem atender as necessidades do paciente”.

## 2.1 Jornalismo como ator social

O jornalismo aparece nesse contexto em torno do autismo como ator social na disseminação do conhecimento sobre a síndrome. Sua função principal de informar à sociedade sobre assuntos que lhes sejam de interesses, torna o jornalismo o elo entre pais, portadores e as pessoas de uma maneira geral, que ainda desconhecem ou não sabem como lidar com essa realidade que atinge algo em torno de 70 milhões de pessoas no mundo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU).

Uma das formas de fazer a informação chegar até a sociedade é por meio do jornal impresso, tendo como suporte à reportagem, gênero jornalístico que apresenta uma riqueza maior de detalhes sobre determinado fato.

A reportagem é a maior forma de aprofundamento possível da informação social e, por outro lado, é aquela que responde melhor às aspirações de uma democracia contemporânea, com toda plenitude até mesmo da utopia, o socialismo, ou dentro da modernização capitalista... (LIMA *apud* MEDINA, 2009, P. 23).

Como nos coloca o autor, o aprofundamento da informação sobre temas relevantes e de interesse social como é o caso do autismo, principalmente no Amazonas, onde agora que se começa falar a respeito, poderá resultar em diagnósticos mais cedo em crianças que, porventura, sejam portadores da síndrome.

O acesso a conteúdos informativos com linguagens simples e de fácil entendimento, prática comum na escrita jornalística, tira a população de um estado de ignorância e a coloca em situação mais confortável, no sentido de, inclusive, buscar melhorias para esse tipo de problema, já que uma sociedade informada é, conseqüentemente, crítica. Portanto, sabe de seus direitos e deveres e, sente a obrigação de cobrar da classe política, benfeitoria em todas as áreas, como saúde e educação.

O fato, porém, é que a informação deixou de ser apenas ou principalmente fator de acréscimo cultural ou recreação pra torna-se essencial à vida das pessoas. E o âmbito da informação necessária ampliou-se muito além da capacidade individual de acesso do homem comum a outras fontes – textos didáticos, documentos oficiais e etc. (LAGE 2009, P. 21).

Conforme o autor explica, a importância da informação para a sociedade, referenda que ela deixou de ser apenas fator de acréscimo cultural ou recreação para tornar-se essencial à vida das pessoas, além disso, ampliou-se muito além da capacidade individual de acesso do homem comum a outras fontes.

## 2.2 O AUTISMO NO ESPAÇO FAMILIAR

A todo o momento varias crianças são diagnosticadas com esta síndrome, entretanto, a idade da descoberta pode variar, pois muitos pais não conhecem os sintomas . Para os portadores do autismo, o relacionamento com outras pessoas costuma não despertar interesse. O contato visual com o outro é ausente ou pouco frequente e a fala, usada com dificuldade, algumas frases podem ser constantemente repetidas e a comunicação acaba se dando principalmente por gestos. Sendo assim, a família deve estar atenta para que seja evitado o contato físico com o autista – já que o mundo para ele parece ameaçador. Insistir nesse tipo de contato ou promover mudanças bruscas na rotina para eles pode desencadear crises de agressividade.

Segundo Girão (2013) para minimizar essa dificuldade de convívio social, vale criar situações de interação, respeitar o limite da criança autista, ser claro nos enunciados, ampliar o tempo para que realize as atividades propostas e sempre comunicar mudanças na rotina antecipadamente. Uma das formas de melhorar o convívio do autista no espaço familiar é descobrir e explorar as “eficiências” do autista, este é um bom caminho para o seu desenvolvimento. Existem algumas situações que incomodam o autista, não há nenhum padrão definido, mas algumas dessas situações são comuns aos autistas, entre os quais, o excesso de barulhos, muitas pessoas ao seu redor e movimentações muito rápidas – velocidade de carro, por exemplo.

É importante salientar que alguns autistas comunicam-se através da fala, mas outros não, alguns preferem escrever. Com as crianças, o melhor jeito de comunicar-se é através de brincadeiras ou até mesmo contando historias. O principal fator entre todos os que foram citados, é que temos que respeitar o limite deles, eles entendem o que dizemos, mas demoram certo tempo para processar aquilo.

### 3.1 A perspectiva de profissionais que atuam em Manaus

Muitas pessoas não sabem como lidar com seus filhos autistas e sofrem com o transtorno que é causado pela doença, um dos principais motivos é dificuldade em estabelecer relações normais com a criança, por esta não demonstrar nenhum interesse para se socializar.

As crianças autistas praticamente não conseguem estabelecer relações normais com as demais pessoas e nem reagir a situações cotidianas desde o

início da vida, sugerindo uma falta de imaginação, um déficit no desenvolvimento da linguagem. (TREVISAN, 2007, P. 222).

Para apresentarmos de uma forma mais clara a perspectivas dos profissionais que atuam em Manaus, realizamos questionários com pais de crianças portadoras da síndrome do autismo, que puderam compartilhar a experiência de terem filhos autistas. Ouvimos uma psicóloga, e também uma psicopedagoga da ONG Mãos Unidas pelo Autismo (Mupa) que concederam informações sobre o tema dentro do espaço familiar e social.

O questionário realizado aos pais e profissionais apresentava o total de 10 perguntas sobre comportamentos, convívio e interação social. Aqui exibiremos duas questões com respostas. No caso das perguntas feitas aos pais foi feita um resumo das respostas mais comuns, e para a psicóloga e a psicopedagoga as duas questões e respostas serão apresentado na integra. Abaixo temos as questões que foram feitas, bem como as respostas. Consideramos as respostas mais comuns a todos:

## **PARA OS PAIS**

### **a) Quais os principais danos que você como pai e ou/ mãe, considera para a socialização do autista?**

Dificuldade na expressão facial, gestos e postura corporal para lidar com a interação social, dificuldade no desenvolvimento de relações de companheirismo. Raramente procura conforto ou afeição em outras pessoas em tempos de tensão ou ansiedade, e/ou oferece conforto ou afeição a outras pessoas que apresentem ansiedade ou infelicidade. Ausência de compartilhamento de satisfação com relação a ter prazer com a felicidade de outras pessoas e/ou de procura espontânea em compartilhar suas próprias satisfações através de envolvimento com outras pessoas. Falta de reciprocidade social e emocional.

### **b) Você pode dar exemplo de tipos de comportamentos diferenciados que seu (sua) filho (a) apresenta?**

Obsessão por padrões estereotipados e restritos de interesse, apego específico a objetos incomuns, fidelidade aparentemente compulsiva a rotinas ou rituais não funcionais específicos. Obsessão por elementos não funcionais ou objetos parciais do material de recreação, ansiedade com relação a mudanças em pequenos detalhes não funcionais do ambiente.

## **PARA A PSICOLOGA ELIANA GIRÃO:**

### **a) Há uma idade na qual os pais podem identificar os sinais do autismo?**

Em qualquer idade é possível perceber que algo não vai bem com as crianças, seja do ponto de vista físico ou psíquico. O ideal é que a doença seja identificada até os três anos. Nessa fase, o cérebro é ainda um órgão de enorme plasticidade e tem a capacidade de se adaptar a novos mecanismos de funcionamentos mediante a estímulos recebidos e experiências vividas.

**b) De que forma a inclusão pode ser considerada importante para o desenvolvimento do autista?**

A inclusão é fundamental para o tratamento, algumas crianças podem ir para a escola regular, irá depender do quadro clínico e como ela se comporta diante de um grande volume de pessoas. Em alguns casos, as crianças conseguem conviver com turmas pequenas de no máximo 15 alunos, em outros, somente escolas especializadas podem atender as necessidades do paciente.

**PARA A PSICOPEDAGOGA LUCICLEIDE MARCELINO:**

**a) Qual a necessidade de existirem locais específicos que atendam crianças autista?**

Muitas pessoas não sabem como lidar com seus filhos autistas e sofrem com o tratamento que é causado pela doença. A necessidade existirem locais com atendimentos específicos aos autistas é porque, além do tratamento oferecido as crianças, os pais podem participar de oficinas de atividades e estudos sobre como cuidar do seu filho autista.

**b) Como é realizado o tratamento com os autistas nestes locais?**

O trabalho geralmente é feito por uma equipe de profissionais que realizam o atendimento individual e em grupo. No entanto, ressalto que, o melhor tratamento é à base de carinho e atenção, muitas pessoas acreditam que as pessoas com autismo são as que não gostam de se socializarem, um grande erro, o que eles precisam na maioria das vezes são de pessoas que os conheçam verdadeiramente, para dar apoio, cuidado e carinho.

#### **4. OBJETIVO**

Desenvolver uma reportagem que abordará a temática Autismo no âmbito social e familiar, trazendo ao leitor informações relacionadas ao seu convívio social, mostrando a importância do diagnóstico ainda na idade infantil, bem como o desenvolvimento e evolução da criança portadora da doença.

#### **5. JUSTIFICATIVA**

O tema apresentado neste trabalho torna-se relevante, pois a temática trata de um

assunto de interesse público, o autismo. A iniciativa em abordar este assunto se justifica a partir da pouca divulgação de informações na esfera social sobre o que é a síndrome do autismo, além disso, buscamos trazer de uma forma simples e objetiva uma reflexão sobre este tema, para que leitor além de se informar possa também se conscientizar que a melhor forma de eliminarmos o preconceito e a discriminação é através do conhecimento, e do respeito ao próximo independente de sua condição física ou mental.

O contexto da reportagem trata acerca das características para identificar um portador da síndrome do autismo, pois, entendemos que só há discriminação onde há falta de conhecimento e informação. É com base nestas questões que expomos a reportagem “Autismo – A luta contra a discriminação”.

Também Chamado de Transtorno do Espectro, o autismo é um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), que tem influência genética e é causado por defeitos em partes do cérebro, como o cerebelo, por exemplo. O autismo se caracteriza por dificuldades significativas na comunicação e na interação social, além de alterações de comportamento expressas, principalmente na repetição de movimentos, com destaque para balançar o corpo, rodar uma caneta, apagar-se a objetos ou enfileirá-los de maneira estereotipada. No Brasil o número de portadores da síndrome é desconhecido, por isso o país adota como base, os dados dos Estados Unidos, que dão conta de que uma em cada 110 crianças nasce com o autismo. No mundo, a Organização das Nações Unidas (ONU) estima existir 70 milhões de pessoas autistas. (VOITCH, 2011).

Atualmente, não existem testes específicos que sejam capazes de identificar o autismo, por esse motivo o diagnóstico se dá pela observação do comportamento, tendo em vista os sintomas supracitados. Além disso, faz-se necessário salientar que a maioria dos autistas apresenta desempenho intelectual desigual, melhor desempenho em habilidades motoras e espaciais e de 60 a 70% dos autistas apresentam déficit cognitivo. Mediante o exposto, compreende-se que o autismo é uma síndrome complexa, assim sendo, com o objetivo de alcançar melhores resultados no trabalho com autistas, o tratamento deve contar com uma equipe multidisciplinar, ou seja, profissionais de psicologia, neurologia, fonoaudiologia, fisioterapia e demais da área de saúde.

## 6. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A reportagem “Autismo–a luta contra discriminação” teve início na esfera da disciplina Redação Jornalística I, trazendo como proposta principal a abordagem acerca das

características para identificar um portador da síndrome do autismo, pois entendemos que só há discriminação pela falta de conhecimento e informação. Partindo desse princípio, o desenvolvimento da pesquisa está fundamentado, quanto aos fins, como uma pesquisa descritiva qualitativa, pois apresenta, na reportagem, uma análise contextual da sociedade dentro da temática estudada, a partir da visão de especialistas e de pessoas que convivem diariamente com portadores da síndrome do autismo.

Quanto aos meios consiste em pesquisa bibliográfica, pois foram coletadas informações em livros referentes à temática. Realizamos questionários com pais de crianças portadoras da síndrome do autismo, que puderam compartilhar a experiência de terem filhos autistas. Ouvimos uma psicóloga, e também uma psicopedagoga da ONG Mãos Unidas pelo Autismo (Mupa) que concederam informações sobre o tema dentro do espaço familiar e social. Os profissionais que foram ouvidos tratam especificamente desses casos e as informações fornecidas serviram como base para a construção da reportagem.

Deste modo, a partir da coleta das informações demos prosseguimento à sequência ao desenvolvimento da reportagem elaborada em concordância com o *paper* reunindo uma estrutura teórica importante para interpretação da ideia central do trabalho cuja temática gira em torno do autismo e, informações referentes à reportagem e sua estrutura.

## **7. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A reportagem desenvolvida teve início com a leitura de textos retirados de livros e revistas e baseou-se em um caso real de um portador de autismo. É uma produção que traz em seu contexto o exemplo de um portador da Síndrome do Autismo, em seguida cita as definições sobre a temática e o texto prossegue explorando sinais para identificação da doença, tipos de tratamento, opiniões de uma psicopedagoga e de uma psicóloga.

Para ilustrar e facilitar a apresentação das informações, a reportagem é composta por box, que trazem informações em destaques para o leitor, fotografias, e também uma tabela contendo os locais onde os pais, amigos e profissionais se reúnem para realizarem oficinas de atividades e estudos sobre como cuidar do seu filho autista, o trabalho é feito com uma equipe de profissionais especializados que realizam o atendimento individual e em grupo.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi abordado na reportagem, a comunicação desempenha um papel importante da sociedade, pois esta é responsável pelo desenvolvimento pessoas e social do ser humano.

Com isso é possível criar habilidades e competências que facilitem sua interação com os demais membros da sociedade. Os portadores da síndrome do autismo apresentam certa dificuldade em comunicar-se com as pessoas, sendo assim, estão sujeitos a não interação social e ao retardatário desenvolvimento de suas habilidades e competências que facilitem a sua vida e seu cotidiano.

Sabemos que este tema é muito abrangente e, a partir desta reportagem, busca-se abrir novas possibilidades para que outros trabalhos sobre autistas possam ser produzidos e publicados, uma vez que o autismo é uma síndrome intrigante que desafia a ciência, pois ainda não há uma causa específica que possa explicá-lo, assim como não existem tratamentos eficazes e seguros que possibilitem uma cura.

Além disso, existe o preconceito por parte da sociedade na qual muitas vezes são criados mitos e inverdades acerca desse transtorno. Assim sendo, compreender o autismo é abrir mão de conceitos previamente formulados é lançar-se em um mundo desconhecido e misterioso, mas para tanto é preciso atuar de forma ética e comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

## REFERÊNCIAS

BENEZON, Rolando O. **O autismo, a família, a instituição e a musicoterapia.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1987.

GIRÃO, Eliana. Psicóloga. Entrevista concedida no dia 15/04/2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil: fatos e modelos.** 2ª ed. São Paulo: Editora Papirus, 1995.

**Revista Autismo** - Ano II – Número 2, 2012.

TREVISAN, Patrícia Fantinel & Carregari Julio. **Construindo conhecimento em educação especial.** Manaus: Editora Valer, UEA Edições, 2007.

VOITCH, Guilherme. **Número de autistas no Brasil é desconhecido.** O Globo, São Paulo, 4 out. 2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/saude/numero-de-autistas-no-brasil-desconhecido-2745780>. Com acesso em: 27/04/2013.